



Interseccionalidade e Fronteiras

Pré-Evento - 18. Congresso Mundial de Antropologia - IUAES

12 e 13 julho 2018

Jardim Universitário | UNILA

MULHERES NEGRAS: EPISTEMICÍDIOS E SUAS INTERSECCIONALIDADES

Mestranda Izabela Fernandes de Souza (IELA-UNILA)³⁷

E-mail: izabela.fernandesouza@gmail.com

Resumo:

Este trabalho buscará compartilhar o andamento da pesquisa de mestrado “Entre fronteiras e resistências: tecendo vivências de lideranças periféricas da cidade de Foz do Iguaçu”, dentro da qual almejamos aproximar-se e localizar a história, os desafios e as lutas que tangem o âmbito de lideranças femininas fronteiriças da cidade de Foz do Iguaçu. Essa abordagem se propõe a trabalhar com lideranças femininas periféricas, preferencialmente negras, buscando dialogar com seus saberes como referências intelectuais, tal como entender suas vivências e identificar as fronteiras que habitam, tanto em seu aspecto geográfico, nacional, político e simbólico, como também as fronteiras de gênero, raça e classe que as caracterizam. No decorrer da pesquisa buscaremos nos aproximar ao tema, discutindo as relações e construções que tangem o saber histórico, entendendo que existem perspectivas históricas que se consagram como hegemônicas, e ao se reproduzirem cooperam na manutenção de uma estrutura social e psíquica, que realça um status quo colonialista/patriarcal e racista. Sendo assim, trataremos de reconhecer os epistemicídios produzidos pela branquitude, partindo por uma abordagem feminista interseccional e decolonial, que almeja enegrecer as epistemologias e formulações clássicas.

Palavras-chave: Fronteira, Epistemicídios, Interseccionalidade, Feminismo-negro

Epistemicídios e suas interseccionalidades

O projeto de mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos “Entre fronteiras e resistências: tecendo vivências de lideranças femininas periféricas da cidade de Foz do Iguaçu”, busca aproximar-se, evidenciar e localizar a história, os desafios e as lutas que tangem o âmbito de lideranças femininas negras periféricas e fronteiriças da cidade de Foz do Iguaçu, município que faz fronteira com as cidades de Puerto Iguaçu (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). A partir de suas experiências cotidianas, almeja-se entender como estão resistindo, habitando e tensionando as

37 Bolsista do programa de mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos na Universidade Federal da Integração Latino-americana- UNILA

fronteiras que as cercam, tanto no seu sentido simbólico, geográfico e político, como também as fronteiras de classe, gênero e/ou étnico/raciais que compõem as suas lutas.

Trata-se de uma pesquisa que almeja, através de uma reflexão epistêmica, contrapor e refletir as afluências da história hegemônica, a partir de um diálogo enegrecido intra-acadêmico. Além disso, como meio de disputar e dessacralizar as normativas do saber ocidental homemcentrado-branco, a pesquisa também trata de transbordar os limites estabelecidos do saber, especialmente considerando os saberes de pensadoras negras não-acadêmicas. Busca-se entender a potência dessas outras práticas de saberes, tal como sublinha a filósofa Djamila Ribeiro dos Santos (2017), para além de categorias de contra discurso hegemônico, no intuito de reconhecer outras geografias da razão.

Sendo assim, através e junto a outras vozes de mulheres negras, esta pesquisa busca (re) conhecer as narrativas e epistemologias que compõe a luta e a prática de mulheres negras, se direcionando a refletir sobre o que e como se estabelecem os saberes. Reconhecendo tal como a filósofa feminista negra e militante Sueli Carneiro (2006) demonstra, que as áreas de saberes dentro da academia foram criadas tendo como espacialidade conhecer o outro. Essa perspectiva reconhece que o espaço acadêmico não está pensado para o “outro” ter voz, para a “outra” falar de si, para a outra “pensar-se” porque pensar-se, sendo esse “outro”, é contrapor a lógica de poder da branquitude, estabelecida dentro de relações coloniais. Assim, podemos considerar que para pensar-se é necessário ater-se a processos de silenciamentos, ater-se a processos provocados através de relações racializadas, que como Frantz Fanon (2008) sublinha, impede que negros sejam sujeitos de sua história.

A partir desse contexto, acreditamos que seja importante sublinhar o que nos motiva enquanto projeto de pesquisa, de que lugar emerge essa fala, atendo-se que há proximidade ao tema, a escolha metodológica e epistemológica estará profundamente tecida por esse lugar de fala. Consideramos que essa aproximação não é neutra, aliás, a neutralidade é uma grande falácia do discurso científico, preferencialmente construído a partir da imposição do homem branco, racista, machista, colonialista, que busca naturalizar, negar e apagar as marcas de seu espaço de privilégio. Sendo assim, enquanto pesquisadora, ou seja, enquanto mulher, negra e periférica, essa aproximação propõe-se emergir a partir de um olhar periférico que se aproxima de seu próprio contexto, da margem pela margem. A proposta se direciona a trabalhar com mulheres negras periféricas de Foz do Iguaçu, porque as práticas e os saberes dessas mulheres compõem nossas perspectivas e anseios. Cabe aqui recordar o que a filósofa Djamila Ribeiro dos Santos compartilhou durante a conferência *Epistemologias de Mulheres Negras* (UNILA, 2017), quando refletiu a relação da mulher negra com o campo do saber. A filósofa pontuou que essa relação parte de outros princípios, “falamos a partir de outro ethos, falamos a partir de outra relação e vivência

com o conhecimento”, onde as outras mulheres negras, que não necessariamente partilham do ambiente acadêmico, são entendidas como intelectuais, são entendidas como nossas referências. (SANTOS, 2017)

Sendo assim, consideramos importante sublinhar que como método de investigação trataremos de convergir a pesquisa bibliográfica enegrecida com um trabalho de campo, considerando este exercício como uma prática que tangencia o campo da *escrevivência*. A noção de *escrevivência*, cunhada por Conceição Evaristo, nasce, de acordo com Evaristo, de uma necessidade de projetar na escrita a história do povo negro, a partir de suas próprias perspectivas, entendendo que essa escrita como define a autora, “se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva,” se apresentando como mecanismo de registrar a escrita da vivência da mulher negra na sociedade brasileira. Nesse sentido, recordamos as palavras da autora registradas no prólogo do livro *Ponciá Vicêncio*, onde Evaristo (2017) relata que ao escrever e/ou mesmo reler a história que narra o choro da personagem, Ponciá Vicêncio, às vezes se confundia com o seu. Nesse sentido, sublinhamos que essa escrita vem carregada pela mesma consigna. O que motiva e movimenta essa pesquisa é este sentimento de que as vezes, e não poucas, o choro dessas mulheres, *se confunde com o meu*.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2003, p.2)

Dentro do debate teórico, para compreender as relações históricas e suas intersecções dentro das múltiplas lutas das mulheres, entendemos a urgência de considerarmos uma abordagem feminista interseccional e decolonial, que almeja enegrecer as epistemologias e formulações clássicas, atendendo a uma perspectiva feminista negra, que contrapõe uma construção de mulher universal, “pois emerge da condição específica do ser mulher negra e, em geral, pobre, atendendo a uma discussão de gênero subalternizada” (CARNEIRO, 2013). A filósofa e ativista do movimento negro Sueli Carneiro (2013) reflete sobre essa questão ressaltando que a ótica das mulheres e dos grupos subalternizados, através da diversidade das concepções e práticas políticas, introduz no feminismo novas perspectivas, a partir de um movimento dialético, que coloca em evidência e promove um processo de afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, “especialmente por exigir e reconhecer a diversidade e desigualdade existente entre outras mulheres.” (CARNEIRO, 2013, p.119)

Sobre a perspectiva desse olhar, a filósofa Djamila Ribeiro (2017), em seu livro *O que é lugar de fala?* (2017) sublinha que nos cabe entender que “existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar é preciso que partamos de outros pontos” (RIBEIRO, 2017, p.35). A autora ressalta que uma forma de desconstruir esse padrão é multiplicar as perspectivas, a partir de falas que emergem das particularidades que tangenciam a luta de diferentes segmentos. Para a filósofa é necessário romper com a colonialidade e, como fruto dela, com a tentação que as universalidades nos impuseram, tirando as particularidades e suas pautas da invisibilidade, através de um olhar interseccional que se mostra muito importante para que fuçamos de análises simplistas. Ribeiro entende que a construção histórica desenvolvida através da exclusão e invisibilidade produz a morte de sujeitos, tanto no sentido simbólico quanto físico. Sendo assim, como a autora sublinha, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (RIBEIRO, 2017, p.43)

Sendo assim, é importante evidenciar como muito bem ressalta a intelectual Kilomba (2016), que denunciar os silêncios “não significa que não tenhamos falado, o fato é, que nossas vozes tem sido constantemente silenciadas através de um sistema racista”. Essa impossibilidade de fala emerge de um projeto análogo sobre os sujeitos falantes e os seus/suas ouvintes, pois, o ato de falar é fruto de uma negociação entre quem FALA e quem OUVI. Ouvir, como Kilomba destaca, se inscreve como um ato de autorização para quem fala, “eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer.”. (KILOMBA, 2016)

O racismo, através do artifício e como parte da colonialidade, projeto político e sistêmico que segue vigente, atua deslegitimando e legitimando saberes. Ele, como Kilomba explica, determina em quem acreditar. Interessamos nesta pesquisa entender como o racismo, através de

práticas que configuram-se em epistemicídios, determinam o que é conhecimento, conhecimento válido, e o que não é conhecimento, ou conhecimento des-viado, como Kilomba coloca. E sendo assim, entendemos que seja necessário, como aufere o filósofo Nogueira (2011), compreender que o racismo atravessa a atividade intelectual através do racismo epistêmico. Nogueira sublinha que esse processo se dá a partir de uma filosoficidade de um saber, que busca garantir o direito de fala da branquitude, desqualificando e recusando os saberes que não se enquadram em seus registros e processos de racionalidade positivada. (NOGUEIRA, 2011, p.15-16)

Compreendemos como importante ressaltar que o racismo orquestrado pela branquitude gerou uma relação de gênero definitivamente estratificada, e sendo assim, quando tratamos de potencializar saberes subalternizados e sistematicamente silenciados, estamos rompendo com uma lógica hegemônica. Nesse sentido, Sueli Carneiro resalta, o epistemicídio é um instrumento operacional que proporciona a consolidação das hierarquias raciais, as mesmas que geram relações de gênero estratificadas, objetivas e históricas, mas também, incidem sobre a atitude do ser diante dessas condições. Dentro desse recorte interpretativo que a autora realiza, o epistemicídio é localizado como um elemento constitutivo do dispositivo de racialidade/biopoder (CARNEIRO, 2005, p.96)

Subverter e (re) existir

Faz-se importante ressaltar, como demonstrado nas reflexões apresentadas anteriormente, que para compreender a complexa rede que se articula em torno do racismo, carecemos de entender a importância da interseccionalidade como aporte epistêmico que possibilita deslocar as segmentarias, reducionistas e branqueadas perspectivas que são hegemônicas nas leituras sobre o tema. Há uma tendência histórica que permeia a prática intelectual branca quando se coloca a estudar a questão do negro, e essa, tal como a historiadora Beatriz Nascimento (2006)³⁸ sublinha, vem revestida de uma dificuldade e de uma tendência científica, narrativa e literária em mistificar a história do povo negro, e de temer uma discussão que trate as relações sociais por via das questões raciais. Dessa forma, para entender a potencialidade dos saberes, das marcas corporais, o desafio e luta das mulheres negras, fora e dentro da universidade, é pensar sobre os ethos que utilizamos, é necessário refletir sobre as referências, sobre os métodos, as formas e objetivos de nossa pesquisa, tratando de reconhecer os mecanismos que constituem o campo do saber legitimado, localizando ele dentro das relações raciais, dentro dos recortes de gênero, raça e classe.

Para subverter essa lógica, entendemos como necessário romper com os epistemicídios, e nesse sentido, essa pesquisa tenta realizar um exercício conceitual e metodológico, que trata de reconhecer esses processos, e almejando conversar com outras referências, dentre elas com um saber de aspecto cotidiano. Deste modo, tal como abordado pela historiadora Beatriz Nascimento (1989), esta pesquisa trata de se aproximar de referências e dialogar com saberes aquilombados, considerando que, a noção de quilombamento é defendida como sendo o elo que transcende o tempo e as determinações históricas, e permite diagnosticar como o movimento negro se desloca durante o decorrer da história, junto a um fio de continuidade. “A Terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou eu estou. Quando eu estou, eu sou”. (NASCIMENTO, 1989, apud RATTS, 2006, p.59) Nascimento entende que a luta pela liberdade negra passa pela luta pela sua própria libertação, por isso a necessidade do Ori (que significa cabeça dentro de uma tradução literal da língua Yorubá) ser restaurado, refeito, e tomado como um rito de passagem, pois denota a toma de auto-consciência.

Por isso, consideramos que a noção de escrevivência nos abre caminhos para formular, dentro do espaço acadêmico e literário, as perspectivas de uma racionalidade não aferida no programa da branquitude, considerando fundamental entender que a escrita, ou escrevivência das mulheres negras, é uma forma aquilombada de fazer ecoar suas perspectivas e revisões históricas, suas memórias e saberes, como também os traumas, medos e reflexões que buscam quebrar com silêncios históricos.

Tratando de refletir sobre o fazer literário das mulheres negras, Evaristo (2003) argumenta que para além de um sentido estético, os textos femininos negros buscam semantizar, nas palavras da autora, um *outro* movimento, que toma “o lugar de escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida”. O movimento dessas narrativas, de acordo com Evaristo, abriga todas as suas lutas, confrontando, através de suas narrativas, uma história mal-contada. Dessa forma, essas mulheres que *escrevivem* trafegam sobre o fazer história, elas “relembam e bem relembam as histórias de dispersão que os mares contam”. Evaristo sublinha que a escrevivência dessas mulheres é compilada através de suas dores e alegrias íntimas, que se postam atentas à miséria e a riqueza que o cotidiano oferece (EVARISTO, 2003 p.7)

Considerações finais:

Buscando garantir o direito à existência no sentido apontado anteriormente, esta pesquisa se direciona a refletir as relações raciais, tratando de reconhecer quais fronteiras são postas para as mulheres negras e seus saberes, e de que modo a partir de suas práticas elas rompem os limites dados pelas relações estratificadas de gênero, raça e classe. Entendemos que seja nosso desafio se direcionar a encontrar meios que fujam dos padrões de racionalização da escrita e estruturação do

pensamento ocidental branco, masculino e eurocentrado. Também nos movimentamos para reconhecer que possuímos saberes e reflexões que se organizam através de outras consignas. Sendo assim, consideramos, lembrando as palavras da pesquisadora CORREIA (2015), que a luta das mulheres periféricas escreverá uma história de “lutas subterrâneas, miúdas, cotidianas, que não constam nos documentos oficiais e nos livros”, que essa história será construída coletivamente e responderá a um grito insurgente de diferentes grupos populares. “Suas protagonistas teceram os fios de uma luta invisível que, ao ser (re)construída, permite desmistificar certas ideias que consideram o movimento da história realizada somente a partir do Estado, dos detentores de poder.” (CORREIA, 2015, p.65).

Assim destacamos a importância de utilizar os instrumentos universitários, para que possamos nos fazer presentes, compartilhar nossa multiplicidade e movimentar esse ambiente hostil, branco e masculinizado, através da ótica de mulheres negras e saberes periféricos. Sobre essa perspectiva, essa pesquisa tem caminhado tratando de conversar com mulheres negras, desde um cuidadoso recorte bibliográfico, para sustentar que mulheres negras que estão para além dos muros epistêmicos da universidade e dentro dela, tecem potentes narrativas. Dentro de um campo de disputa, nós atravessamos por seus saberes, para marcar e se fazer presente enquanto narrativas potentes que tecem outras possibilidades e entendimentos sobre as organizações sociais. Sendo assim, consideramos, tal como Conceição Evaristo destaca no documentário “Empoderadas” (2016), que: “a escrita das mulheres, a nossa história, a história das mulheres negras e das classes populares, não está escrita, e se está, está escrita sobre a ótica da classe dominante. A nossa escrita está engasgada”.

Por fim, entendendo que vivemos em uma sociedade estruturalmente racista, classista e patriarcal, defendemos que aproximações que priorizem e permitam a explanação das perspectivas femininas tendem a colaborar e evidenciar as assimetrias sociais, sendo meio de tensionar e modificar as estruturas desiguais que fundam nossa sociedade. Reconhecendo, como Angela Davis sublinha, que quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura social se movimenta com ela. Desse modo, a fronteira, projetada pela vivência e subjetividade do feminino, desafia o imaginário hegemônico, uma vez que suas narrativas tendem a contrapor e evidenciar os processos subscritos de violência simbólica, física e/ou institucional que mulheres sofrem, especialmente as periféricas não-brancas. Tais práticas costumam ser silenciadas pelo Estado e por seus instrumentos de reprodução e inculcamento social. Nesse sentido, reconhecemos que devemos fazer uso de nosso caráter fronteiro, quando refletimos a história e prática das lideranças periféricas que configuram essa pesquisa, entendendo que *aquilombar-se* sobre o fazer científico, é mais que uma tática, é um meio de sobrevivência, pois estamos tratando de possibilitar que outras performances históricas (re) existam enquanto potencialidade de saber e prática de análise.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Mulheres e Movimento**. In: Estudos Avançados 17 (49), 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>

_____, Aparecida Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

_____, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Feusp- São Paulo. Tese de Doutorado.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: **Mulheres no Mundo – etnia, marginalidade e diáspora**. Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs). UFPB- JP, Idéia/Editora Universitária, 2005.

_____, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. BH: Mazza Edições, 2003.

_____, Conceição. Documentário “**Empoderadas**”, 2016.

FANON, Frantz; tradução Renato da Silveira. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador - EDUFBA, 2008.

KILOMBA. Grada. INSTITUTO GOETHE. **Descolonizando o conhecimento: uma Palestra-Performance de Grada Kilomba**. São Paulo: 2016. Disponível

em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>> Acessado em: 10 jun. 2017.

RATTS, Alex; NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Instituto Kuanza, 2006

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

_____, Djamila. Conferência *Epistemologias de Mulheres Negras*, no II Congresso Internacional de Epistemologias do sul: perspectivas críticas e I Jornada de estudos afro-latino-americano. UNILA, 2017.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: SEAP, 2011.